

Programas De Rádio e *Fanzines* Dentro Do *Heavy Metal* Paraense: Mídia Alternativa Impressa e Sonora Na Construção Histórica Da “Música Pesada” Amazônica (1986-1992)¹

Bernard Arthur Silva da SILVA²
Antônio Maurício Dias da COSTA³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO: Este trabalho busca entender um dos aspectos do mundo artístico do *Heavy Metal* paraense: a mídia alternativa impressa e sonora, presente entre 1986 e 1992, em Belém. O seu caráter “alternativo”, “segmentado” e “direcionado” para um público específico (os *headbangers*), além da ruptura com a estrutura tradicional da mídia local, produz um significado único, para esse período da “música pesada”, na Amazônia. Utilizando os conceitos de “*underground*” (Weinstein, 2000) e “sociabilidade metálica” (Janotti Júnior, 2004), pode-se compreender a construção histórica da “mídia alternativa” (Atton, 2001) através da “prática urbana” (Campoy, 2008) do *Heavy Metal* local. Jornais, fanzines, imagens e “fontes orais” (Holanda e Meihy, 2011), são “testemunhos da época” (Bloch, 2001), que contribuem para esse debate.

PALAVRAS-CHAVE: *Heavy Metal*; Mídia Alternativa; Oralidade; Sociabilidade; *Underground*.

1. A Problemática Na Relação Mídia Alternativa e o *Heavy Metal* Paraense.

As práticas realizadas pelos *headbangers*⁴ dentro do mundo artístico do *Heavy Metal*, para Jeder Janotti Júnior “fazem parte da sua *sociabilidade metálica*” (JANOTTI JÚNIOR, 2004, pp. 15-18 e p. 47). Ela pode ser definida através dos seus aspectos musicais, sonoros, visuais, comerciais, corporais, históricos e literários.⁵

A cultura do *Heavy Metal* tem características bem específicas e segmentadas, desconhecidas e não populares, com um sentido *underground*. O *underground* acaba sendo um conjunto de atitudes e maneiras de pensar contrárias à concepção *mainstream*, onde interesses mercadológicos ligados à fama e lucro, falta de autonomia musical, grande alcance

¹ Trabalho apresentado no Grupo Temático “História da Mídia Alternativa”, que integra o 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia, realizados na Universidade Federal do Pará, nos dias 12 e 13 de novembro de 2012.

² Historiador e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da UFPA. E-mail: barthursilva@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor da Faculdade de História, UFPA. E-mail: macosta@ufpa.br

⁴ O termo “*headbanger*” é a denominação do fã de *Heavy Metal* e significa, traduzindo para a língua portuguesa, “batedor de cabeça”. Esse significado diz respeito ao movimento executado por ele durante um *show* de *Heavy Metal*, que é balançar freneticamente a cabeça e os cabelos longos. Outro termo utilizado é “*metalhead*”, que quer dizer, “cabeça de metal”. Com certeza, uma referência também ao ato de “bater cabeça”.

⁵ JÚNIOR, Jeder Janotti Silveira. *Heavy Metal Com Dendê: Rock Pesado e Mídia Em Tempos de Globalização*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004. pp. 15-18 e p.47.

e circulação irrestritas da cultura *pop* através de grandes conglomerados midiáticos, predominam. A socióloga norte-americana Deena Weinstein explica o conceito de *underground* tão presente no meio da “música pesada”:

Underground, em sentido de purgatório, é um termo para bandas e estilos que não são comumente populares, mas que podem ou têm possibilidades de vir a ser. *Underground*, no sentido de inferno, refere-se a uma música que é tão extrema, em termos de sonoridade, de letras, ou ambos, que não atraem a grande audiência. Bandas que tocam metal *underground*, de tipo infernal, não possuem esperança ou desejo (se eles forem conscientes) de ir em direção ao outro lado, ao céu do estrelato *pop*. Como outras formas de artes elitistas, o metal *underground* é apreciado por uma audiência diferenciada. (WEINSTEIN, 2000, pp. 283-284).⁶

Assim, em nível de Brasil e Amazônia, o problema envolvendo o mundo artístico do *Heavy Metal* paraense, entre 1986 e 1992, passa pela veiculação de suas informações em mídias alternativas sonoras e impressas. Uma “mídia alternativa” pensada, segundo Chris Atton (ATTON, 2001 apud GOÉS, 2006, pp. 5-6), dentro do seu “contexto sócio-cultural”, gerando “leituras de oposição aos produtos de mídia tradicional”, visando uma constante “reflexão das práticas de comunicação”.⁷

Os pontos centrais dessa problemática podem ser expostos pelos seguintes questionamentos: Como os programas locais de rádio, especializados em *Heavy Metal*, foram construídos? Eles podiam ser colocados como uma “mídia alternativa”, num sentido *underground* e em uma linha específica e segmentada? Quais eram as conseqüências da execução de músicas de bandas locais de *Heavy Metal* nesses programas, para o cenário paraense da “música pesada”? Como os *fanzines* locais, especializados em *Heavy Metal*, foram construídos? Em relação à “mídia tradicional”, foram contrapontos na divulgação da produção artístico-musical do *Heavy Metal* local? O que os diferenciava em relação aos cadernos culturais dos jornais paraenses, que veiculavam notícias sobre o cenário do *Heavy Metal* local, nas colunas *Dial 97* (O Liberal), *Música Popular* (Diário do Pará), *ZAP* (A Província do Pará) e *Vinyl* (A Província do Pará)?

2. Mídia Alternativa Sonora e o *Heavy Metal* Paraense (1986-1989).

⁶ WEINSTEIN, Deena. *Heavy Metal: The Music And Its Culture*. New York: Da Capo Press, 2000. pp. 283-284.

⁷ GOÉS, Laércio Pedro Torres de. *A Mídia Alternativa Dos Movimentos Sociais Na Web*. Sessão de Comunicação – Internet e Política II. Congresso Anual da Associação de Pesquisadores de Comunicação e Política, Salvador – BA, 2006. pp. 5-6. In: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2006_La%C3%A9rcio_A%20m%C3%ADdia%20alternativa%20dos%20movimentos%20sociais%20na%20Web.pdf

Os programas de rádio dedicados exclusivamente ao *Heavy Metal* também não eram muito numerosos em Belém do Pará, mas existiam, e eram constantemente acompanhados pelos *headbangers* locais que iriam formar público e bandas na segunda metade da década de 80. Um programa, em especial, denominado *Metal Pesado*, se destacou durante a primeira metade e o início da segunda metade da década de 80.⁸ Era realizado na Rádio Cidade Morena FM que, inicialmente foi criada pelos irmãos, Edyr, Edgar e Janjo Proença. Pessoas influentes dentro do mundo paraense dos meios de comunicação, tanto radiofônico quanto impresso. Edgar e Edyr Augusto Proença tinham colunas musicais dominicais, respectivamente, em jornais como O Liberal (Música Popular) e A Província do Pará (Vinyl).

Muitas pessoas que apreciavam e gostavam de *Heavy Metal* e que formaram público e bandas no citado período, escutavam assiduamente e, até “religiosamente”, o programa *Metal Pesado*, na frequência 102.3, que era apresentado por Guto Delgado no horário de seis às oito horas da noite às sextas-feiras e domingos, que no início da década de 80 foi “empresário” da banda paraense de *Heavy Metal Stress*. Augusto “Ceifador”⁹, relata como era a sua sensação e a de outros, em ouvir um programa específico de *Heavy Metal* no norte do país, em Belém do Pará, na segunda metade da década de 80:

Eu me lembro que esses programas eram o ápice da semana de quem gostava de *Heavy Metal*. Eu lembro que, pô, às vezes ficava comentando a semana toda por um programa de rádio que ia ter na sexta-feira à noite, que era o *Metal Pesado*. Tinha no domingo e tinha na sexta-feira à noite, né? E esses programas, ficava naquela espera assim, por quê? Querendo escutar coisas assim, que ainda não estavam por aqui. E aí, era onde a gente se interava do que tava rolando aí fora. E, lançamentos, lançamentos dos discos, certo? Mas, esses programas, eu tenho muita saudade deles, porque era uma outra história, naquele tempo você ter acesso a uma coisa que você gosta, mas tinha o acesso restrito à apenas um rádio, certo? Hoje em dia, é tão fácil escutar o que o cara tá lançando, o que o cara lançou ontem ou então até mesmo antes de ele lançar, você já tem aqui. Aqui, a gente às vezes tinha que esperar três meses pra escutar. Três, quatro meses pra escutar na rádio o que o cara tinha lançado a três meses atrás, às vezes, até a anos atrás. Como aqueles trabalhos piratas que eles chamavam, né?. “Ah, eu tenho um disco

⁸ Outros programas específicos de Heavy Metal ou que dedicavam uma parte de sua programação de Rock para o Heavy Metal, que se destacaram no início da década de 80, no Brasil, foram: “Guitarras Para o Povo” e “Rock Show”, cediados, respectivamente no Rio de Janeiro, na Rádio Fluminense FM e em São Paulo, na Excelsior AM. No caso do programa, “Guitarras Para o Povo”, era veiculado exclusivamente músicas de bandas de Heavy Metal, inclusive chegou a ser veiculado músicas da banda paraense de Heavy Metal Stress. Para saber mais, ver: CAIAFA, Janice. *Movimento Punk Na Cidade: A Invasão Dos Bandos Sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. p. 40.; LOPES, Pedro Alvim Leite. *Heavy Metal No Rio De Janeiro e Dessacralização De Símbolos Religiosos: A Música Do Demônio Na Cidade De São Sebastião Das Terras De Vera Cruz*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006. Tese de Doutorado. p. 143.

⁹ Augusto “Ceifador” foi baixista e um dos fundadores da primeira banda de Death Metal do Estado do Pará, formada em 1987 e, vindo a terminar em 1989: Ceifador. Headbanger, freqüentador de shows de Heavy Metal entre os anos 80 e 90 e, ouvinte do programa de rádio “Metal Pesado”.

pirata do *Iron Maiden*”. Que eu me lembro que era aquele “*Women In Uniform*”, que a primeira vez que pintou aqui, num show, num programa de rádio, foi anos e anos, depois de terem sido lançado. Aí, quer dizer, esses programas de rádio era uma coisa muito legal, uma coisa que o pessoal que gostava de *Heavy Metal* ficava esperando a semana todinha assim, com aquela ânsia, que tivesse. Eu me lembro que muitas e muitas vezes nós ficávamos em casa escutando som antes mesmo de ter o Ceifador e vamos dizer, parava lá pelas cinco horas. “Não, ninguém vai embora, porque a gente vai escutar o, vamos dar um jeito de escutar o *Metal Pesado*”. Aí, quando chegava na hora do *Metal Pesado*, tava já queimado com o barulho que tinha feito na tarde, só restava mesmo o radinho de pilha, pra escutar um programa de *Heavy Metal*. E esse radinho de pilha fazia a festa do pessoal. Eu me lembro de ter um radinho de pilha na mão e uns três, quatro ao meu lado, batendo cabeça. Insano mesmo, só com o radinho de pilha.¹⁰

O programa de rádio paraense *Metal Pesado*, dedicado exclusivamente ao *Heavy Metal*, dava uma pequena contribuição para os *headbangers* locais, no que diz respeito aos últimos lançamentos do mundo do *Heavy Metal*. Apesar de que alguns chegavam com meses, e até, como relata Augusto “Ceifador”, anos de atraso. Mesmo assim, a vontade e o sacrifício dos ouvintes locais era tamanha que, como no caso de Augusto “Ceifador” e seus amigos na sua casa, passavam o dia de apresentação do programa *Metal Pesado* inteiro escutando *Heavy Metal* e depois, acabavam escutando o mesmo, em um radinho de pilha, para não perturbarem mais os familiares e a vizinhança com tanto “barulho”. E interagem com a programação e as músicas “batendo cabeça” (“*headbanging*”, em inglês).

No que diz respeito ao uso da oralidade, visando entender os meios de comunicação *underground* do *Heavy Metal* local, Meihy e Holanda, esclarecem que ela é construída a partir de um conjunto de “entrevistas em História Oral” (HOLANDA e MEIHY, 2011, pp. 14-15). Formado por “fontes orais”, constituem uma “documentação oral”. Essa documentação oral somente é produzida “quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro”.

Dessa forma, a História Oral, aqui utilizada, é colocada como uma ferramenta metodológica, para aqueles historiadores que decidem analisar objetos ligados ao tempo presente. Ela também implica uma série de procedimentos, seguidores de uma problemática inerente ao objeto de pesquisa que, em várias ocasiões, envolvem grupos sociais. Por isso é necessário saber de quem se está falando, como está ocorrendo essa discussão e por quê ela deve ser feita (HOLANDA e MEIHY, 2011, p. 15).¹¹ O grupo dos *headbangers* é o escolhido

¹⁰ Entrevista concedida por Augusto “Ceifador” a SILVA, Bernard Arthur Silva da, em junho de 2009.

¹¹ Utilizo aqui o conceito de José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda para definir o que é “documentação oral” e como ela é produzida. Além disso, os autores afirmam que a manifestação máxima da “documentação oral” é a “entrevista em história oral”. E, essa “entrevista em história oral” segue uma “fórmula programada e responde à existência de projetos que a

nesse caso, devido à sua relevância para a construção dessa divulgação midiática restrita e orientada, tanto escrita quanto radiofônica.

Contudo, na visão de Michael M. Hall, o historiador que trabalha com História Oral deve tomar todos os cuidados possíveis com as entrevistas de campo realizadas por ele. Ele estará trabalhando diretamente com a memória histórica desses personagens (HALL, 1992, p. 157).¹²

Uma memória que é “seletiva”, “falha”, “desconhedora de outras informações referentes ao período discutido” e, em alguns casos, apresenta “tendenciosidade”, nas entrevistas feitas (HALL, 1992, p. 158). Além disso, a formulação das perguntas para serem feitas aos entrevistados e a disponibilidade deles, contribuem também, para o rol de dificuldades inerentes à História Oral (HALL, 1992, p. 159).

Algumas entrevistas, como a de “Teco Trovão”, apontam que o programa *Metal Pesado* conseguia através das viagens internacionais de seu apresentador, Guto Delgado, para os E.U.A., os últimos lançamentos de bandas de *Heavy Metal*. Ele conseguia também através de ouvintes que estavam sempre ligados nos últimos lançamentos e os conseguiam na loja de Dom Floriano, a *Gramophone Discos*.

Dom Floriano, através de seus contatos e acesso a catálogos de gravadoras internacionais, fazia pedidos que chegavam quase simultaneamente em Belém na sua loja. Um dos casos foi o quarto álbum da banda inglesa de *Heavy Metal Iron Maiden*, “*Piece Of Mind*”. Teco Trovão o conseguiu na *Gramophone Discos* e o levou para Guto Delgado divulgá-lo no programa *Metal Pesado*, dias antes do lançamento mundial do álbum. Entretanto, apesar disso, outros depoimentos, como o de SÉrgia “Harris” Fernandes, que frequentou a cena de *Rock e Heavy Metal* paraense e nacional, durante a década de 80 e 90, indo para os *Rock In Rio I e II*, ocorridos, respectivamente em 85 e 91, sendo “fanzineira”, ex-baixista da banda paraense de *Death/Thrash Metal Black Mass*, frequentadora de *shows* de bandas paraenses de *Heavy Metal*, produtora e empresária da banda paraense de *Death/Thrash Metal Retaliatory* e organizadora de *shows* de *Heavy Metal* no Teatro Experimental Waldemar Henrique, dizem que o tratamento dado para pessoas que tinham algum álbum de *Heavy Metal* raro e quisessem compartilhá-lo através do programa *Metal Pesado*, não era igual e adequado:

justificam”. Ver: HOLANDA, Fabíola e MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral: Como Fazer, Como Pensar*. São Paulo: Contexto, 2011. pp. 14-15.

¹² HALL, Michael M. *História Oral: Os Riscos Da Inocência*. In: *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: DPH, 1992. p. 157.

O Guto Delgado, eu me lembro que teve um momento, que eu até fiquei chateada com o Guto Delgado. Eu ganhei um vinil que veio da França pra mim. E, era o *Motörhead*, se eu não me engano. Eu sempre fui fã do *Motörhead*, eu tinha a coleção completa do *Motörhead* e eu recebi esse *Motörhead*. Aí os meninos: “pô, esse *Motörhead* não tem aqui em Belém. Veio da França. Então, bora levar lá na rádio”. Eu disse: “Não. Não vou levar não”. Aí: “Bora lá, tu vai lá com o Guto Delgado”. “Poxa, eu nem conheço ele”. “Não, bora. Tu vai ligar pra ele. Toma o telefone dele. Diz que fui eu que mandei”. Ficou aquela história: “se fulano, siclano que mandou”. Tá. Aí, eu liguei pra ele, né? Disse: “Olha, eu tenho um vinil aqui do *Motörhead*, que eu recebi. Veio da França e não tem aqui em Belém. Queres botar aí, no teu programa?”. “Ah, eu vou vê aqui. Vou agendar pra tu vires aqui”. Aí, eu: “Tá”. Aí, eu virei as costas e disse: “Mas, eu não vou é nunca”. Eu falei pros meninos: “O cara é metido à besta porra, eu não vou aparecer lá”. Ainda que pensar? O cara, que pô, ele tá lançando banda e pô, ele vai pegar um disco que não tem aqui em Belém. E, qual é o cara que trabalha numa rádio, que não vai querer? O cara ainda vai pensar, ainda? Pelo amor de Deus, não vou não.¹³

O mundo do *Heavy Metal*, historicamente, desde o início do seu desenvolvimento, foi dominado por bandas com integrantes masculinos. Isso se aplicava aos produtores das bandas, aos donos das gravadoras, aos apresentadores de programas especializados em *Heavy Metal*, aos *roadies* de bandas e aos organizadores de eventos de *Heavy Metal*. Inês Rôlo Martins afirma que neste “sentido, as mulheres só *estão no metal*, como uma presença contextual, mas não contínua e continuada, surgindo portanto, freqüentemente, como uma novidade ou tendência passageira” e não seriam consideradas “*do Heavy Metal*”, por seus pares masculinos (MARTINS, 2011, p. 13).¹⁴

Mas, por outro prisma, Leonardo Campoy (CAMPOY, 2008, p. 16 e pp. 96-118) aponta que, o *Heavy Metal*, esta “prática social urbana”, tão presente na cidade de maneira restrita e segmentada, através da sociabilidade metálica de seus “praticantes” (os *headbangers*), acabam criando certos critérios para saber a procedência e a importância de quem quer participar do *underground*.¹⁵ Quem é “real” *headbanger*, participante ativo e construtor desse espaço e, quem é “falso” *headbanger* (“metaleiro”), integrante passivo e não construtor do *underground*. Campoy (CAMPOY, 2008, p. 81) continua e afirma que, o “principal artifício para atestar o estatuto do real e do falso é o tempo de inserção no *underground*”.

No caso de Sêrgia “Harris” Fernandes, o ponto de vista de Campoy é o mais adequado. Seu tempo de vivência dentro do *underground* do *Heavy Metal* paraense remontava

¹³ Entrevista concedida por Sêrgia “Harris” Fernandes a SILVA, Bernard Arthur Silva da, em setembro de 2009.

¹⁴ MARTINS, Inês Rôlo. *Mulheres Entre o Som e o Silêncio: Imagens e Representações das Artistas de Metal na Loud!* Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2011. Dissertação de Mestrado. p.13.

¹⁵ CAMPOY, Leonardo Carbonieri. *Trevas Na Cidade: O Underground Do Metal Extremo No Brasil*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2008. Dissertação de Mestrado. p.16 e pp. 96-118.

aos primeiros shows da *Stress* em Belém e, às “*Rockadas*” ou “*Bailes de Rock*”, ocorridos em locais como *Shock Disco Club* e *Subsá*, durante o final da década de 70 e início dos anos 80.

O fato de uma mulher, na década de 80 em Belém do Pará, escutar bandas de *Heavy Metal*, entender de *Heavy Metal* e ter álbuns de bandas de *Heavy Metal* que não tinham sido lançados em Belém e tentar compartilhá-los dentro de um programa feito por um homem e, ao fazê-lo, tentar entrar num mundo e numa cultura dominando por homens, pode ter gerado o tratamento desprezível dado a Sérgia “Harris” Fernandes, nesse caso.

Outros programas de rádio, que se dedicavam a uma programação voltada para o *Rock*, não exclusivamente para o *Heavy Metal*, mas que abriam para bandas consideradas “pesadas”, existiram durante esse período. Destacaram-se os programas *Sábado Gente Jovem*, um programa voltado para produção roqueira da década de 70, que na época funcionava na Rádio Clube FM, além de *Sexta Maldita*, *Música Impopular Brasileira* e *Os Intocáveis*. Outros programas da Rádio Cidade Morena, que também abordavam o *Rock*, porém mais voltado para a produção musical da década de 60, como *Beatles Forever* e *Pedras Rolantes*. Os mesmos, respectivamente, de acordo com Ismael Machado (MACHADO, 2004, p.17), falavam dos *Beatles* e dos *Rolling Stones*.¹⁶

Também existiu um programa especializado em *Rock*, que foi executado na Rádio Cultura FM com o nome de *Rock da Silva*, apresentado por Jeovah de Andrade e Egydio Salles Filho, vulgo “Kid Bujaru”, na época. Tal programa funcionava na frequência 93.7 e deu muito espaço para as músicas de bandas locais de *Rock*, como *Metrópolis*, *Nó Cego*, *Mosaico de Havena* e outras (MACHADO, 2004, p.86).

O programa *Caravana do Delírio*, na visão de Silva Júnior (SILVA JÚNIOR, 2005, p.38) também se destacou no período citado, funcionando na Rádio Carajás FM, sendo apresentado pelo radialista Castilho Júnior e ia ao ar de madrugada. Esse programa vinha sendo executado antes do *Rock In Rio I*, realizado em janeiro de 1985, na capital carioca. O mesmo radialista também executava programas de rádio voltados para o *Rock*, na Rádio Cidade Morena, onde afirma que “*Talvez tenha sido um dos primeiros a tocar Nina Hagen mesmo antes do Rock in Rio, e tocava também AC/DC*”.¹⁷

¹⁶ MACHADO, Ismael. *Decibéis Sob Mangueiras*: Belém No Cenário Rock Brasil Dos Anos 80. Belém: Editora Grafinoite, 1ª Edição, 2004. p. 17.

¹⁷ JÚNIOR, Vicente Ramos da Silva. *Do Stress Ao Coisa De Ninguém*: Apontamentos Sobre a História do Rock Produzido Em Belém do Pará – A Ótica Dos Sujeitos Históricos (1986-1993). Universidade Federal do Pará. Belém. 2005. Monografia. p. 38.

A Rádio Cidade Morena foi extremamente importante para o desenvolvimento de programas voltados para o *Rock* e, especificamente para o *Heavy Metal* (o caso do programa *Metal Pesado*).

Entretanto, outras rádios em Belém do Pará, durante o mesmo período, também originaram programas voltados para o *Rock* e para o *Heavy Metal*, como a Rádio Belém FM e Rádio Cultura FM. Com a diferença de que, tais rádios começaram a surgir no final da década de 80 e que as bandas locais começaram a ter seus trabalhos despontados nas mesmas, a partir do início da década de 90 (SILVA JÚNIOR, 2005, p.52).

Os programas mais importantes dessas duas rádios foram, respectivamente: *Peso Pesado* e *Balanço do Rock*. Além desses programas, existiam outros, como *Baú do Rock* e *Dinossauros do Rock*, que eram apresentados na Rádio Belém FM.

Todo esse contexto histórico e todos os fatores apontados até agora, foram responsáveis pelo aparecimento de várias bandas de *Heavy Metal* em Belém do Pará, durante a segunda metade da década de 80, entre os anos de 1985 e 1989, tais como: *Kaliban*, *Ceifador*, *Genocide*, *Guerra Santa*, *Metal Massacre*, *Overdose*, *Sacrifice*, *Sacrilégio*, *Satanic Ritual*, *Necrofagy*, *Nosferattus*, *Nefarious*, *Terrorist*, *Nóxio*, *Argus*, *Morfeus*, *DNA* e *Black Mass*.

Apesar de existir a propagação de notícias sobre eventos musicais e últimos lançamentos ligados ao *Rock* e ao *Heavy Metal* nacional e internacional através de colunas musicais dominicais de grandes jornais locais como O Liberal e A Província do Pará, em termos de informações específicas e únicas sobre o *Heavy Metal* mundial, nacional e locais, não era tão detalhado e propagado quanto os fanzines paraenses de *Heavy Metal* e as revistas especializadas no mesmo, como a *Rock Brigade* e a *Metal*.

Essa linha segmentada de informações dentro da cultura do *Heavy Metal* é conhecida como *underground*. O *underground* compõem uma série de mecanismos utilizados pelos próprios músicos, produtores e fãs de *Heavy Metal* para direcionar a produção musical do referido gênero para um público segmentado, um público que realmente aprecia e gosta de *Heavy Metal*, um público *headbanger*. Isso acontece muito devido ao fato de toda trajetória histórica desse gênero musical estar atrelada a um conceito de música não-comercial.

Os subgêneros do *Heavy Metal*, como o *Thrash Metal* e o *Death Metal* tentam manter essa ambição *underground* de música independente, longe dos grandes meios de comunicação

(o *mainstream* colocado acima).¹⁸ Uma parte dessa mídia alternativa, é representada pelos *fanzines*.¹⁹ Local onde os praticantes do *Heavy Metal* mais *underground*, nas palavras de Campoy “escrevem suas opiniões” e, se diferencia da *magazine* porque ela “seria uma revista profissional, feita para o fã, aquele seria amador, feito pelo fã” (CAMPOY, 2008, p. 64). O *fanzine* ou *zine*, segundo Campoy, ainda é caracterizado pela “independência”, “produção individual e caseira”, “alcance nacional e internacional”, “pessoalidade” e “parcialidade” (CAMPOY, 2008, pp. 64-69). Colaborando ainda mais com essa conceituação sobre o que é um “*fanzine*”, Weisntein afirma que “em um sentido *fanzines* criam uma rede que abrange todo o globo, permitindo a troca de informação *underground*” (WEINSTEIN, 2000, p. 178).

Os *fanzines* paraenses que se destacaram no *undeground* do *Heavy Metal* paraense durante a segunda metade da década de 80 foram os seguintes: *Inferno Verde* (“*Green Hell*”), *Gosma*, *Crossoverzine*, *Fuckoffzine* e o *Metal Guardian*. Os criadores desses *fanzines*, junto com outras pessoas que acabaram formando as citadas bandas no referido período, criaram os espaços de encontro e de discussão sobre *Heavy Metal* na capital paraense e também, os pontos de *shows* para essas bandas tocarem.

3. Mídia Alternativa Impressa e o *Heavy Metal* Paraense (1986-1989).

Existem três momentos de produção de *fanzines* em Belém do Pará: o início da segunda metade da década de 80, o final da segunda metade da década de 80 e o início da década de 90. O terceiro momento de produção de *fanzines* em Belém do Pará será analisado mais à frente. Iremos nos ater, nesse momento do texto, aos dois primeiros momentos de produção de *fanzines* na capital paraense, durante o início e o fim da segunda metade da década de 80.

No início da segunda metade da década de 80, foi originado o primeiro *fanzine* especializado em *Heavy Metal* e *Rock* de Belém: o *Inferno Verde* (“*Green Hell*”). Um nome

¹⁸ FILHO, Jorge Luiz Cunha Cardoso. *Música Popular Massiva Na Perspectiva Mediática: Estratégias de Agenciamento e Configuração Empregadas No Heavy Metal*. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2006. Dissertação de Mestrado. pp. 29-30.

¹⁹ Campoy afirma que “Segundo Duncombe (1997, p. 1-17) desde os anos 30, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra, esse tipo de revista vem sendo produzido pelos mais diversos movimentos sociais, desde os aficionados por filmes de ficção científica até as distintas facções do Partido Comunista italiano, passando pelos movimentos ecológicos e feministas dos anos 60. Segundo o mesmo autor, a utilização dos zines por apreciadores de certos estilos de música se deve, principalmente, ao movimento punk inglês irrompido no final dos anos 70”. CAMPOY, Leonardo Carbonieri. op. Cit., 2008 pp. 64-65.

que tinha relação com a temperatura realmente alta da capital paraense e o inferno descrito pela crença cristã como o lugar onde os pecadores devem ir quando morrerem.

Esse *fanzine* foi elaborado e concebido por vários indivíduos que já escutavam e apreciavam *Rock* e, principalmente, *Heavy Metal*, desde o final da década de 70 e início da década de 80, tais como: Teco “Trovão”, Jorge “Pesão”, Carlos “Banana Podre” Ruffeil, Ronaldo Barbosa, “Pássaro” e Valdo “Snoopy” e dentre outros. Porém, as pessoas que mais incentivou sua criação e que, acabou levando a maioria dos créditos sobre as resenhas presentes no referido *fanzine*, foram Teco “Trovão” e “Pássaro”. Teco “Trovão” explica com mais detalhes, como foi a origem do *Inferno Verde*, em seu depoimento:

Olha cara, em 82, eu em mudei, né? O segundo semestre de 82, eu me mudei pra Cidade Nova. Então, eu conheci uma galera roqueira, lá na Cidade Nova. Aí, tinha muito aquele negócio de igarapé, aí gente já tinha uns amigos aqui no centro, então a galera, a gente já rebocava a galera pra lá, ia pra casa de alguém, sempre tinha algum amigo roqueiro, né? A gente ia com aquela mochila, com aquela saca de fita cassete, ouvir som. Aí, uma vez, lá no Conjunto Guajará I, muleque, olha, Guajará I. Lá pra trás, tinha negócio de igarapé, aí veio essa idéia: “E, rapaz, vamos fazer um *fanzine*?”. Já com o *fanzine* da *Rock Brigade*, tinha o *fanzine* lá do sul, lá de Floripa, né? A gente teve aquela idéia. Égua meu irmão, pô, a gente comprava revista de banda, né? De *Rock*, lá no aeroporto. Era a “*Kerrang*”, a “*Circus*”. Aí várias revistas que tinham músicas de bandas de *Rock* Pesado. Ah, quando não tinha dinheiro, a gente não roubava, a gente subtraía, né? A gente subtraía, a nosso custo. Tomava emprestado pra nunca mais devolver. Aí, a gente pegava essas revistas importadas lá no aeroporto, cara. Então, a gente fazia é, vamos dizer assim, as matérias, a gente fazia as matérias com as fotos das revistas importadas. É isso. A gente traduzia, às vezes, muita coisa, sabe? De revista “gringa”, mesmo, na cara de pau. E correspondência, cara. Muita correspondência, que nessa época, não tinha internet, né cara? Então seguinte, a gente já tinha até amizade lá no Correio. Aí, vinha vinil, fita cassete, que os caras compravam da Loja *Woodstock* Discos, né? Os caras fizeram contato com a Loja Baratos Afins, então a gente pegava esse material pra nós, aí porra: “Bora passar isso pra *fanzine*”. Os caras sempre botavam dentro do envelope uma foto, né? A xérox da capa do disco e essa xérox ia pro *fanzine*. Circulava, aí saía tudo mal borrado, assim. E, era aquela coisa, é, que os caras ajudavam mesmo, a galera comprava um, dois, até três *fanzines*. Aí, a grana que a gente pegava, a gente já ia pra uma gráfica, juntava, aí um amigo nosso fazia uma, uma, um abatimento, né? Cortava pelo meio a despesa e tirava xérox no turno da noite, quando não tinha ninguém e tal. A máquina torava lá, na madrugada, na surdina. O cara pegava a grana, tipo assim, pra nós, pra copiar na calada da noite. Aí, ele dava aquelas páginas pra nós, a gente só fazia cortar no meio, passar a régua e depois colar, né? Tinha uma figura, até uma vez, ela pegou uma edição lá, ele costurou. Deixaram a borda aqui da folha, né? Ela costurou toda as páginas, muleque. Eu falei: “Égua”. A galera pegava aquelas gomas de

tapioca, passava, endurecia, pronto, virava um caderno, uma capa de caderno.²⁰

A rede *underground* de informações via *fanzines*, pelo menos no início da segunda metade da década de 80, em Belém do Pará, no caso do *Inferno Verde*, tinha em seus idealizadores e criadores, origens suburbanas e proletárias. Isso se misturava ao ethos *headbanger*, a vontade de viver de *Heavy Metal* e a relação mútua que existia entre as várias pessoas roqueiras espalhadas por várias localidades de Belém e que, também atraía todos para encontros somente para escutar *Rock* e *Heavy Metal*.

Esse foi caso de Teco Trovão e outros amigos roqueiros apaixonado pelo *Heavy Metal*, que através da intensa sociabilidade, chegaram à conclusão de fazer um *fanzine*. Um encontro entre roqueiros em Ananindeua, Cidade Nova, no Conjunto Guajará I, um verdadeiro subúrbio da capital paraense à época, provocou a idéia e o início da produção do primeiro *fanzine* paraense especializado em *Heavy Metal* e *Rock*.

Não se está aqui, generalizando a composição social das pessoas que criaram o *Inferno Verde*, mas apenas afirmando que a grande maioria tinha uma origem suburbana e proletária. Isso era tão presente, que muitas dessas pessoas, incluindo Teco Trovão, para obterem as informações sobre o mundo artístico do *Heavy Metal*, as bandas e os músicos, era necessário recorrer à revistas importadas do referido gênero musical que somente chegavam e se encontravam no Aeroporto Internacional de Belém.

Nesse aspecto, como as condições financeiras dessas pessoas não eram as melhores, aliada com a vontade do ethos *headbanger* de conseguir informações sobre os músicos e as bandas de *Heavy Metal*, elas “subtraíam” e “tomava emprestado pra nunca mais devolver” (roubavam, afanavam), nas palavras de Teco “Trovão”.

O processo de elaboração das matérias do *fanzine Inferno Verde*, era totalmente artesanal, feito à mão pelas próprias pessoas que escreviam no mesmo. Recortar e colar matérias de bandas de *Heavy Metal* presentes em revistas especializadas no referido gênero musical no *fanzine* paraense *Inferno Verde*, tradução irregular de resenhas feitas por críticos especializados estrangeiros sobre os álbuns e shows de bandas do *Heavy Metal* mundial e intensa correspondência com pessoas de outros Estados brasileiros, gravadoras independentes e lojas especializadas em álbuns de *Rock* como a *Baratos Afins* e a *Woodstock Discos* de São Paulo, para conseguir vinis e informações dos últimos lançamentos do *Heavy Metal* e do *Rock*, eram coisas que faziam parte do cotidiano da equipe de pessoas responsáveis por

²⁰ Entrevista concedida por Teco “Trovão” a SILVA, Bernard Arthur Silva da, em janeiro de 2009.

produzirem as matérias do *Inferno Verde*. Além disso, ainda existia a extrema dificuldade de circulação do fanzine *Inferno Verde*.

Era uma circulação que dependia da boa vontade de cada um em coletar dinheiro suficiente para angariar fundos e assim, conseguir tirar cópias suficientes para a sua venda e propagação. Mesmo assim, ainda se faziam tentativas de negociações para que o preço da xérox do *fanzine* fosse acessível à renda de todos. Por isso, muitas vezes, como se pode observar pelo depoimento oral de Teco “Trovão”, a pessoa que tirava xérox do *fanzine Inferno Verde*, a tirava durante a noite, “na surdina”, para que seu patrão não pudesse perceber que estava fornecendo um produto (a xérox de um documento) por metade do preço. Devido a essas dificuldades de elaborar, produzir e por em circulação o referido *fanzine*, existiam situações em que, as páginas do *fanzine* não estavam devidamente arrumadas e por isso, pessoas que o compravam acabavam utilizando determinados artifícios para ajeitar as páginas e o *fanzine*, como costurar as páginas soltas e passar gomas de tapioca por cima para endurecer e transformá-lo em um caderno.

Apesar dessas dificuldades, as pessoas que escreviam o *fanzine Inferno Verde*, sempre tentaram manter um grau de profissionalismo em suas atitudes, como bem declara Teco “Trovão”: “A gente chegava com gravador mesmo, com máquina, lá na casa do “Bala”, fizemos uma matéria com *Stress*. Foi bater na Bahia, essas cópias do *Inferno Verde*, com uma matéria do “Bala”, lá, foto”.²¹

Um profissionalismo que valorizava o *underground* local, escrevendo e fazendo matérias sobre bandas paraenses de *Heavy Metal*, como foi o caso da *Stress*, entrevistando o “Bala”, na época, vocalista e dos fundadores da referida banda. Essas matérias, através da comunicação *underground* via *fanzines*, acabavam parando em outros Estados brasileiros, como a Bahia. Teco dá mais detalhes sobre essa peculiar matéria:

Com certeza, nós éramos a fonte. Belém News. Parece que foi o volume III. Foram cinco volumes. Volume III, que foi o mais bonito, foi a capa costurada, foi a matéria com “Bala”, que era matéria de página, no centro. Foi como eu falei, era aquela coisa tosca, a gente montava as fotos né? Aí, levava aquilo dentro numa pasta, com a maior segurança, pra xerocar. Então, era um fanzine xerocado mesmo, não tinha essa de gráfica não, era “Máquina de Xérox Futebol Clube”. Na tora, como diz a galera, na tora, valendo”.²²

4. Mídia Alternativa Impressa e Sonora e o *Heavy Metal* Paraense (1990-1992).

²¹ Entrevista concedida por Teco “Trovão” a SILVA, Bernard Arthur Silva da, em janeiro de 2009.

²² Entrevista concedida por Teco “Trovão” a SILVA, Bernard Arthur Silva da, em janeiro de 2009.

Durante o início da década de 90, na capital paraense, o programa especializado em *Heavy Metal*, que foi sensação para aquelas pessoas que formaram público e bandas de *Heavy Metal* durante a segunda metade da década de 80, *Metal Pesado* e que, funcionava na Rádio Cidade Morena FM, na frequência 102.3, às sextas-feiras e domingos, durante o horário de seis às oito horas da noite e era apresentado por Guto Delgado (“empresário” da banda paraense de *Heavy Metal* tradicional *Stress*, no início da década de 80), não mais existia.

O único programa especializado em *Heavy Metal*, que se destacou nos primeiros anos da década de 90, em Belém do Pará, foi o *Peso Pesado*, que funcionou na Rádio Belém FM, na frequência 92.9, durante as seis horas da tarde de domingo. Tal programa se destacou nesse período, por sempre estar divulgando as músicas de novos álbuns de bandas de *Heavy Metal* internacionais na sua programação. Além disso, o programa *Peso Pesado* foi mais importante pela divulgação da produção musical *underground* do *Rock* e, principalmente, *Heavy Metal* paraenses. Márcio “Calango” comenta um pouco sobre a origem do programa, sua estrutura inicial e seu breve estabelecimento, pelo menos no início da década de 90, como um dos principais programas da História do *Rock* e do *Heavy Metal* paraenses:

Então, a questão da rádio, tinha aquele programa, depois tinha a “*Caravana do Delírio*”, que era o Castilho Júnior, tá? Tinha o “*Rock da Silva*”, que era Ubinajá e tal, aquela tropa. Que era só *Rock Nacional*, entendeu? Específico, mais específico até, não era tanto o *Heavy Metal* não, que não tinha tanto material *Heavy Metal* na época, 86. Era mais assim, o *Rock Nacional*, era *Legião*, *Capital*, entendeu? *Plebe Rude*, *Inocentes*, *Mercenárias* e as bandas *Punks*, *Ratos de Porão*, entendeu? E, como é? *Côlera*, *Inocentes*, coisas assim. E depois veio, de um hiato assim, sem programas aí, 88, 89, entendeu? Passou sem programa aqui em Belém, depois veio *Peso Pesado* em 90. Por quê? A, o Jäder Barbalho, né? É, comprou, que hoje é a RBA, tá? O complexo RBA, tá? A Elcione ligou pra não sei quem, tem até, no, nesse livro aí, do Ismael Machado: “Olha, estamos com uma rádio aqui, não sabemos o que fazer”. Aí, os caras da rádio começaram a buscar a galera que fazia a cultura em Belém. Um deles foi o Mariano Klautau, né? Que era da banda *Solano Star*, tá? Então, ele ajudou muito a gente, que ele abria bastante espaço pra gente ali, então, Mariano, ele era de uma banda de *Rock*, entendeu? *Rock Pop*, mas ele deu muito apoio pro *Metal* e pro *Punk*. *DNA* tocou direto na programação da rádio por ele, entendeu? Tocava na programação normal. “*Metal City*”, que foi uma música que, entendeu? Que disseminou, entendeste? Em função desse apoio do Mariano, né? Aí, me apareceu, início de 90, me aparece aqui, o Irã Paz, querendo montar o *Peso Pesado* lá. Então, o Irã Paz veio me encher o saco aqui, entendeste? Pedindo pra montar esse programa, ele e o outro maluco lá. Aí, a gente se reunia lá, na casa do Joe, pra fazer, era a chamada “*noise gang*”, “*noise gang*”, era chamada “gangue do barulho”. Pra fazer as seleções das músicas, então, lá, era engraçado, a gente tinha um relóginho, relógio de parede, deixava assim, na parede, e ia contando o tempo das músicas pra dar certinho e o que o cara

ia falar, entendeu? Pra dar certinho lá. Era tudo muito organizado, na época, muleque, sabe? “Eh, muleque! Tá aqui. Montou o programa. Beleza. Pode levar”. Aí, lá, o Irã inventa, o Irã ainda tava no tempo das carruagens do *Manowar*, entendeu? Era, nos tempos dos cavaleiros do *Armored Saint*. Ele me inventa um tal de “*Screamer*”: ““*Peso Pesado*”, um culto aos decibéis. Oaaaaahhhrrrrr!!!!”. Porra! Aquela coisa bem caricata, a gente assim: “Égua, Irã! Não me faz passar vergonha. Faz um negócio direito, que nem a rádio, no programa *Metal Massacre*, na Rádio Liberdade, que nem o Paulo Cicino, lá, na Fluminense FM. Faz um negócio direito, apresentando direitinho. Como é o *Peso Pesado* hoje. Pára com essa palhaçada”. E ele, não. Ele queria porque queria colocar o “*Screamer*”, entendeu? Que era, esqueci o nome lá, o Heider. O Heider, que era o coisa da rádio, entendeu? Não existia “*Screamer*” nenhum, existia o Heider, que era o cara que curtia Brega, curtia Forró, curtia, entendeu? Curtia House e era o “*Screamer*”. Porra! E todo mundo ali, já tinha saído dessa fase caricata do *Metal*, entendeu? E ele continuava nessa palhaçada. E aquilo foi cansando, entendeu? O Irã, ele gostava muito, assim, de aparecer, entendeste? Ele era o cara que conhecia o Jader Barbalho, porque uma vez, eles desceram no mesmo elevador, entendeu? A rádio era do Jader, ele foi lá pro escritório dele, ele desceu, o Irã também tava descendo da rádio. Como eles pegaram o mesmo elevador, é comum a pessoa falar: “Oi, tudo bem?”. Mas, por esse “Oi, tudo bem?”, ele já era amigo íntimo do Jader Barbalho. Eu posso com um caboco desse. Não dá, velho! Chegou um dia que cansou: “Irã pega o disco, tá foda! Não dá mais pra trabalhar contigo”. É que, todo mundo se cansou, entendeste? De trabalhar com o *Peso Pesado*. Foi quando ele começou a perder pretígio lá, e entrou o menino, o Fábio Sanjad. Aí, a coisa melhorou, porque o Fábio, ele trabalhava exatamente como a gente queria. Sem caricatura, sem palhaçada, apresentando o programa direitinho, apresentando as músicas, sem muito comentário, como é o “*Balanço do Rock*”, o cara querer falar uma coisa que ele não sabe, entendeu? Como é o menino lá, querendo falar alguma coisa sobre o movimento do *Heavy Metal*, que ele não sabe, tá? Então, é aquela coisa bicho, é apresentar a banda, falar um pouquinho, ter o bloco de entrevistas, três músicas de cada bloco, acabou a conversa. Eu tô ali pra escutar o programa, não pra escutar o cara falando. A Belém FM, onde rolava o *Peso Pesado*, era a “*Rádio Rock*” de Belém, entendeu? Então, muitas bandas, cara, muitas bandas se lançaram ali e conseguiram desenterrar demo antiga, entendeu? Pra lançar ali. O *Insolência* com “*Beirute Está Morta*” e o *DNA* com “*Metal City*” tocavam na programação normal da rádio, tá? Foi por isso, por exemplo, que eles eram recorde de público, entendeu? Muita gente já ia no show do *Insolência*, do *DNA*, por conta disso, entendeu? Porque tocava direto na Belém FM, tá?²³

Márcio “Calango” analisa, em seu depoimento oral, o quanto, durante a segunda metade da década de 80, existiram vários programas de rádio voltados para o *Rock*, inclusive as bandas precursoras do *Rock* nacional como *Legião Urbana*, *Barão Vermelho*, *Plebe Rude*, *Capital Inicial* e algumas importantes bandas do *Punk Rock* brasileiro, do início da década de 80, tocaram nesses programas, e até, para o *Heavy Metal*, especificamente, como foi o caso do *Metal Pesado*, apresentado por Guto Delgado na Rádio Cidade Morena FM, na frequência 102.3 às sextas-feiras e domingos, de seis às oito horas da noite, que perdurou até os anos

²³ Entrevista concedida por Márcio “Calango” a SILVA, Bernard Athur Silva da, em agosto de 2009.

finais da década de 80. Depois disso, programas voltados, especificamente para o *Heavy Metal*, demoraram para aparecer. Somente no ano de 1990, com o surgimento da Rádio local Belém FM, fundada, pelo então, na época, Governador do Estado, Jáder Barbalho, surgiu o programa *Peso Pesado*.

Um programa, que pela fala de Márcio “Calango”, foi originado naquela efervescência do movimento *underground* do *Rock* e do *Heavy Metal* paraenses, no início da década de 90. Uma efervescência que já tinha tomado conta de vários locais da periferia de Belém, com vários shows, nos mais diversos lugares, além do fato de que, os fãs e os músicos de *Heavy Metal* já estavam movimentando o *underground* paraense através de *fanzines*, cartazes, *flyers*, *releases*, ingressos, correspondência via correio com bandas nacionais e internacionais para informar sobre o cenário local, pontos de encontro, pontos de *shows* e pontos de vendas de *demo-tapes* de estúdio e ao vivo de bandas paraenses de *Heavy Metal*.

5. Conclusão.

A mídia alternativa impressa e sonora produzidas pelo mundo artístico do *Heavy Metal* local, durante os anos 80 e 90, teve um caráter “nativo” e “independente”, em função de seus criadores serem do meio *headbanger* e financiarem tais ações, com tempo, dinheiro, papel e discos de vinil. Fortalecer a rede de informações do *underground* metálico divulgando o que acontecia com a “música pesada” amazônica e utilizar uma linguagem diferente, para veicular informações sobre o *Heavy Metal* paraense, eram os objetivos dessa maneira segmentada de comunicação. Um momento singular da História da Música e da Mídia belenenses, permeada de sujeitos autônomos, que ora negociavam, ora entravam em conflito.

REFERÊNCIAS

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. **Trevas Na Cidade: O Underground Do Metal Extremo No Brasil**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2008. Dissertação de Mestrado.

JÚNIOR, Jeder Janotti Silveira. **Heavy Metal Com Dendê: Rock Pesado e Mídia Em Tempos de Globalização**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal: The Music And Its Culture**. New York: Da Capo Press, 2000.

